

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## ESCUITA E CRIAÇÃO DE NOVAS PAISAGENS

Kathy Fabiana Scharf  
UDESC

[kathyfabiana@gmail.com](mailto:kathyfabiana@gmail.com)

Ana Maria Preve  
UDESC

[anamariapreve@gmail.com](mailto:anamariapreve@gmail.com)

### Resumo

O texto explora o movimento de uma conversa de orientação, que tem como dispositivo a oficina, e destacando nela a força da escuta no processo de pesquisa. A orientanda chegou com sua questão inicial enquadrada nos itens de projeto e um memorial situando os motivos de tal proposição. Dada a aprovação no programa, a pesquisa está oficialmente autorizada ao seu começo. E o começo é a exploração de um novo problema de pesquisa, pois o processo de orientação é composição. Nesse sentido, como [re]compor um problema se agora, assumidamente, afirmamos que ele se dará entre nós duas. Partimos da questão-problema inicial *como se a ver num mundo que não foi feito para mim*. Desde então, nossas conversas-orientação vem se desdobrando, tal qual na proposição de ‘O mundo desdobrável’ de Carola Saavedra. O presente trabalho enfatiza que, *ao criar mundos para nós* através da escuta, é possível atravessar limitações da pesquisa acadêmica, abrindo espaço para a pesquisa como ato de criação e encontro com as diferenças. *Algo que se dá entre*. A relação de proximidade entre a que chega com o intuito de pensar os problemas das divergências no mundo e a outra que se dispõe a acolher a diferença e, com ela, acentuar a linha de força de uma pesquisa como criadora de mundo tem se mostrado potente para a condução do processo de pesquisa acadêmica. Esse caminho vem nos mostrando que a pesquisa tem uma imagem que precisa ser rasurada, tal qual a imagem das imagens das geografias e da educação que se repetem em nossos meios educacionais.

**Palavras Chave:** processos de pesquisa; criação de mundo; oficinas; educação como produção da diferença.

### A bolsa, uma bolsa

Enquanto pensamos em um projeto, pesquisamos, trabalhamos e vivemos, os dias de trabalho se tornam intensos. Queremos dar conta de tudo, sempre. No meio dessa correria, chega pelo correio o livro *Teoria da bolsa de ficção*, de Ursula K. Le Guin. Junto com ele, a surpresa: pequenas bolsas costuradas entre as páginas, carregando postais lindos e inesperados, nos quais nos perdemos olhando um a um antes mesmo de iniciar a leitura. Este livro fala do mito do herói e de sua estrutura de guerra, contrapondo-a às histórias da vida – narrativas que também podem conter conflitos, mas nas quais esse não é o elemento central. Aqui, o herói é outro; o herói pode ser, por exemplo, uma garrafa. Como escreve Le Guin (2021, p. 18): “agora proponho a garrafa, não apenas de gin ou vinho, mas a garrafa no seu sentido mais ancestral e abrangente de recipiente em geral, uma coisa que contém outra coisa.” A escrita segue contando

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

como o herói faz sua trajetória e como podemos passar, às vezes, longe dela, precisamos, em nosso dia a dia de coisas para guardar coisas, elas nos salvam o dia porque nos permitem guardar algo que nos importa. Uma garrafa é a possibilidade de poder guardar algo, uma bolsa também. Um livro guarda palavras em seus múltiplos sentidos. Perceber uma sacola como herói é poder olhar para o que temos nela e nas coisas que carregamos por mais tempo e que estão umas sobre as outras, misturadas, sem espaço. Para que algo aconteça é preciso de espaço, o herói precisa abandonar algo da sua bolsa para não carregar peso demais em sua caminhada.

Minha bolsa de ficção está cheia, algumas coisas precisam sair para dar espaço às que precisam ficar. A decisão do que deixar para seguir o percurso é o trabalho da pesquisa neste momento. O que fica precisa compor com o momento das proposições. A bolsa da pesquisadora precisa dos materiais que lhe farão movimentar sua ideia junto a outros interessados. É preciso olhar e decidir com atenção. Como nos lembra Le Guin (2021), a ficção é uma forma de tentar descrever o que está acontecendo, o que as pessoas realmente sentem e como se relacionam com seus guardados. Talvez eu consiga, por meio da ficção e das coisas que acumulei nessa bolsa, expressar um pouco do que vivi e do que me inquieta pesquisar, deixar em minha bolsa o que caminha para as diferenças, o que as acentua, para este olhar que estou tendo com o habitar o mundo de um outro modo. Le Guin (2021, p. 37) nos diz que as “práticas para a teoria da bolsa de ficção estão no mundo para serem ativadas e reativadas a todo momento, como ferramentas que nos ajudam a reconhecer de que (outras) histórias somos feitas e quais histórias queremos continuar contando ou inventar”. Após a leitura dos textos iniciais chega o momento de praticar as oficinas inspirada por essa noção de bolsa.

A conversa aberta entre nós (orientanda e orientadora) tem como base esse livro e a marca que ela apresenta como um modo-de-fazer-bolsa para a pesquisa e praticar o *‘como se a ver num mundo que não foi feito para mim’* e como desdobramento desta questão *‘como criar mundos para nós’*; como seguir com as pequenas bolsas inventadas para a pesquisa, como nós duas seguiremos com esse aprendizado até então.

### **Conversas para [re]compor questões**

Nossa conversa começa muito antes do encontro presencial, começa em casa, com o envio dos meus textos. Encaminho à orientadora um drive com um compilado de escritos que reúnem experiências vividas neste curto período do doutorado, mas já tão intensas. São fragmentos de oficinas e de momentos da vida, escritos com o cuidado de registrar e descrever o que vou vivendo e coletando. Esse material está organizado em três blocos temáticos. O primeiro reúne textos produzidos a partir de uma oficina realizada numa sala de leitura de uma livraria independente e foi minha primeira experiência com um grupo que não era formado por alunos de escola. Nesses escritos, exponho medos, fragilidades e decepções vividos nesse novo contexto. Escrevo sobre as bolsas intocadas dos participantes. O segundo bloco trata das oficinas conduzidas na instituição onde atuo como psicopedagoga. Ali, registro o contato diário com as diferenças de todos os tipos, descrevendo as tentativas de compreender essas diversidades e de criar condições para que os alunos aprendam a lidar com elas, cada um a seu

modo, no espaço educacional que habitam. O terceiro bloco, mais recente, reúne relatos em que me coloco como aprendiz num outro contexto e o foco é: como um corpo escolarizado percorre um espaço de religiosidade, fora do seu hábito e se coloca em estado de aprendizagem - um fazer diferente, no qual os erros, todos eles, se tornam oportunidades de aprendizagem.

De pose desses blocos a orientadora fez sua leitura e depois sentamos para conversar e problematizar as escritas, deixando que elas, a conversa, o teor dos blocos nos conduzisse para algum lugar novo de elaboração. Para este momento de escuta a gente tem sempre muita disposição uma com a outra. A escuta é marca desse processo de orientação. Pedimos um café para misturar os mundos que os textos evocavam e começamos a conversa com eles. Logo no começo percebemos que a pesquisadora está mergulhada em dois mundos, pois sua escuta vertida em palavras recolhidas e guardadas no texto, se debatia entre a escuta do Mundo e a sua tentativa de se fazer presente em um outro mundo menos homogêneo. O eme maiúsculo evoca um mundo que já existe, pré-configurado antes de nós. De alguma maneira habitamos esse mundo já dado, mas a vontade presente em alguns textos mostra, mesmo que frágil, a tentativa de escapar dessas configurações. Essa nova maneira, que ainda não conseguimos delinear completamente, posiciona os indivíduos como produtores de mundos, desafiando as fronteiras do que é dado e abrindo caminhos para o inexplorado dos temas propostos.

Daí que a pergunta inicial começa a se movimentar e passa a ser: *como se pode praticar no viver isso de produzir mundo?* Para tentar algum movimento de oficina nesse sentido, é preciso desaprender algo, como diz Rufino (2019). Para o autor, desaprender é um ato político e poético diante do que se veste como um único saber, que é o que se sabe como mundo até hoje. Esse mundo com M maiúsculo refere-se ao mundo do colonizador. O mundo que chega bem antes de nós e que permanece nos moldando. Um mundo todo já dado, todo pronto, e, por sua vez, aos habitantes resta a adaptação. Para descolonizar esses espaços, (nossos espaços de escuta) a oficina estaria comprometida com a criação de espaço para as escutas, para as imagens de mundo que chegam com os participantes. O pesquisador-oficineiro precisa se preparar para lidar com o que chega. De que modo? E há um modo? Trancoso (2024) sugere práticas que ajudam a colar a cabeça no corpo para produzir brechas para outros tantos mundos possíveis, que se entende como prestar atenção ao que se passa, ouvir, estar de corpo presente onde se está para poder criar algo a partir dali.

Quando falamos de escuta, não nos referimos à escuta de um que fala e de outro que recebe, mas àquela atenta, com o corpo e, por isso, percebe gestos, detalhes que a boca não diz em palavras oficiais. Quer dizer, é uma escuta com corpo sobre o corpo do outro que fala; e essa fala aparece também pelos sutis movimentos do corpo e pelo modo como as palavras chegam, como elas saem uma a uma daquele que fala. As oficinas, no modo como se encontram hoje, são nossas frágeis tentativas de movimentar essas questões, de produzir um corpo para o pesquisador interessado pelas diferenças. O pesquisador precisa estar atento ao que lhe chega, sem automaticamente enquadrar o que escuta na paisagem vigente colonizada. Em um ambiente institucionalizado, colonizado, é difícil fazer essa movimentação. O que fazer? Como expressar isso? Coletando essas questões que chegam em demasia, vê-se que outras não chegam. Muitas questões estão em movimento. Nessa trajetória de escuta, vem-se intensificando e modificando o modo como a pesquisadora escuta. Mas, no lugar institucional, percebe-se os limites da escuta

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

e isso a coloca numa situação não muito confortável, porque se sente incapaz de agir. Nele, tenta escutar, mas diz que é difícil compreender algo além dos diagnósticos: questões emocionais, crises de ansiedade, depressão, problemas familiares. Em boa parte dos seus atendimentos está com pessoas ansiosas, sobrecarregadas da vida, dos afazeres, das cobranças, que foram violenta de alguma forma. Quase todos os dias, na sala que atuo, chegam alunos e alunas atravessados por uma sensação de bloqueio: não conseguem seguir com a vida, não conseguem seguir com os estudos. Carregam nas mãos um laudo médico, como se o papel fosse a senha para poder existir de outro modo. Há pouco tempo, um homem, por volta dos 40 anos, me mostrou um diagnóstico de déficit de atenção. Contou que buscou o médico por não conseguir sustentar sua atenção no trabalho, em casa e na faculdade. Disse que nunca teve problemas na educação básica, que sempre transitou como aluno mediano. Mas logo começou a formular seus pedidos: queria avaliações com questões simplificadas e o apoio de uma professora leitora. Por alguns segundos, percebi meu pensamento capturado pelo regime dos laudos, das receitas, pelo território colonizado em que o manual de doenças se impõe como verdade maior. Minha primeira tendência foi acatar, organizar soluções rápidas. Mas algo em mim freou. Respirei e perguntei: “*Isto tudo serve para você?*” A partir daí, talvez, iniciamos um pequeno gesto de descolonização, ainda incerto, mas que já anuncia a necessidade de abrir espaço para outras formas de vida, para linhas que escapem à captura dos diagnósticos, mesmo sabendo as dificuldades de se escapar disso dentro da instituição.

Portanto, as oficinas – que têm sido praticadas fora dali, em lugares e com pessoas vindas de outras situações e por interesses próprios – são esse lugar de exploração do que nos chega e que não precisa ser tratado como laudo. A oficina seria o lugar para dar movimento a essas questões que o pesquisador recolhe e, por vezes, se sente incapaz de lidar; o lugar do movimento do pensamento dessas questões; o ateliê de ressignificação das paisagens vigentes que chegam ao pesquisador, o lugar onde se lida com as palavras em sua vastidão, o lugar de transver o ato de escutar. A partir disso fomos nos dando conta de que aquilo que o oficinairo escuta não se limita a relatos isolados, mas se constitui, como denomina Suely Rolnik de paisagens psicossociais, atravessadas por forças subjetivas, coletivas e históricas, que também podem ser cartografadas (ROLNIK,1989). Ao reconhecer essa dimensão, passamos a nos perguntar sobre a possibilidade de criar novas paisagens para a escuta, espaços onde cada cena, fala ou desabafo possa emergir como diferença viva, não apenas enquadrada em diagnósticos ou laudos. Trata-se, portanto, de abrir espaços de acolhimento que preserve a singularidade de cada expressão, permitindo que ela reverbere sem ser capturada por categorias pré-estabelecidas.

Na instituição, o que conta é a escuta para compor o laudo, para integrar os programas de inclusão, para encaixar nas caixas; vale sempre o que o médico disse, ou seja, o que vale é a escuta colonizada. O trabalho de escrita das escutas na tese, têm sido a forma de fazer oficina consigo mesmo, porque nelas se pensa e se dá movimento e se pensa o como se escuta. É como se a gente entrasse em um ateliê levando na bolsa o que se escuta e com a escrita-das-escutas a pesquisadora trabalhasse na reconfiguração dessa fala para escapar da escuta-que-lauda.

Nesse sentido, Peter Pál Pelbart (1993) nos faz pensar sobre o invisível não ser somente a falta de algo, a falta da linguagem, da imagem ou do imaginário, mas de uma dimensão

imane à realidade, vinculada à ordem da cidade ou da natureza, que resiste à plena visibilidade. Para ele, vivemos sob um regime de poluição do invisível (p. 54), onde a saturação de palavras e imagens nos impede de permanecer atentos ao que não se revela com facilidade. Nesse contexto, buscamos técnicas de despoluição do invisível, de abertura para novas virtualidades, onde é preciso criar "vacúolos" de silêncio – espaços onde algo realmente possa ser dito ou visto com intensidade, as coisas só podem se movimentar ou acontecer onde há espaço, vazio, silêncio.

### **A pesquisa segue a escuta, e se compõe com ela**

Aquela conversa, naquele dia, depois da leitura-escuta da Ana, no contexto de nosso pequeno almoço abriu o caminho de maneira diferente para a pesquisa. Desde então passamos a pensar que, no corpo da pesquisa da tese, no corpo da tese, nossas conversas se farão mais presentes com a mesma força que qualquer outra referência ou material de oficina. Assim como a escrita da pesquisadora será encarada como uma oficina, as conversas terão o mesmo tom e estarão mais explícitas no corpo da tese. A tese será o abrigo para toda e qualquer situação necessária ao movimento da questão viva desta pesquisa. E, como dissemos no começo deste texto, a pesquisa cruza a vida, a vida cruza a pesquisa. É mesmo a noção de bolsa que Úrsula Le Guin nos convoca que nos acompanhará no processo. Portanto, trata-se de desfazer paisagens dadas, essas que nos acomodam e acomodam nossa escuta laudatória, sem nos permitir ver o que se passa em cada situação. Retirar de nós o hábito de escutar e logo enquadrar, essa escuta reduzida da vida de alguém, essa escuta de julgamento, essa escuta que nos retira a chance de ver pausadamente o que se passa em cada fala e com elas criar condições no corpo para uma resposta. Talvez, a força desse trabalho resida na força de *despoluir o invisível* (Pelbart, 1993, p. 54) de duas pesquisadoras que querem ver-escutar o que está difícil na paisagem atual. Escutar, assim como o ver, não é só ouvir, receber informações, mas é um processo mútuo de criação e transformação que se dá no entre. A oficina – como o espaço de resistência – será a prática educacional das pesquisadoras para ativar estratégias de despoluição do invisível, e aí sim, compor novas paisagens para a escuta.

### **Referências**

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia**. São Paulo, SP, Editora 34, 2010.  
\_\_\_\_\_. Mil Platôs. Volume 3. São Paulo, SP, Editora 34, 2012.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

JAFFE, Noemi. **Livros dos começos**: São Paulo: Cosac Naify, 2016

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

KASTRUP, Virginia; BARROS, Regina B. Pista 3: Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PELBART, Peter Pál. **A nau do tempo-rei**: 7 ensaios sobre o Tempo da Loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016